

### 3

Lentamente, como se subisse por uma longa escadaria, Mara Jade despertou de um sono profundo. Abriu os olhos, olhou ao redor do aposento, pouco iluminado, e imaginou onde diabos estaria.

Tratava-se de um hospital... Era óbvio pelos biomonitores, os biombos portáteis e outras camas que existiam por perto. Porém não era uma das instalações de Karrde; pelo menos não uma que conhecesse.

Contudo, a disposição dos móveis era bastante familiar. Tratava-se de uma área hospitalar padrão do Império.

Por um instante teve a sensação de estar sozinha, mas por pouco tempo. Silenciosa, deslizou para fora da cama e permaneceu agachada, fazendo um reconhecimento rápido de suas condições físicas. Não sofria nenhum tipo de dor, tonturas ou tampouco ferimentos aparentes. Vestiu o roupão e calçou os chinelos, que localizou ao pé da cama, depois caminhou para a porta, preparando-se para silenciar ou desligar o que quer que a esperasse do outro lado. Acenou para o controle da porta e quando esta foi aberta, saltou para a ante-sala...

— Oi, Mara — cumprimentou Ghent, levantando os olhos do computador. — Como está?

— Nada mal — respondeu surpresa, acionando a memória. Olhando para o garoto, lembrou-se de que Ghent era um dos que trabalhavam para Karrde e, talvez, o melhor pirata de *software* na Galáxia. O fato de estar sentado a um terminal significava que não eram prisioneiros, a menos que os captores fossem estúpidos a ponto de deixá-lo aproximar-se da máquina.

Todavia não enviara Ghent para o quartel-general da Nova República, em Coruscant? Sim. Seguiu as instruções de Karrde, pouco antes de reunir o grupo e levá-los para combater na Frota *Katana*, onde pilotara um caça Z-95 contra um destróier estelar do Império...

Lembrava-se que tivera de ejetar e do azar de dirigir a trajetória de seu assento através dos disparos de canhões iônicos. Isso destruíra seu equipamento de sobrevivência e a enviara à deriva, deixando-a perdida no espaço interestelar.

Olhou ao redor. No seu caso, não fora para sempre.

— Onde estamos? — indagou, embora já soubesse a resposta.

Tinha razão.

— Estamos no Palácio Imperial, em Coruscant. Na ala hospitalar. Tiveram de reconstituir um pouco seus neurônios. Não se lembra?

— É um pouco vago, ainda — admitiu ela.

Mas a névoa desaparecia de sua memória e os acontecimentos começavam a ordenar-se. Os sistemas desligaram-se e sentira a cabeça leve ao mergulhar numa espécie de sono profundo. Com certeza sofrerá privação de oxigênio antes que a localizassem e a levassem ao interior de uma nave.

Eles, não; *ele*. Só havia uma pessoa capaz de localizar um assento ejetado no meio do espaço repleto de destroços. Luke Skywalker, o último cavaleiro Jedi. O homem que deveria matar.

VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER.

Deu um passo atrás, para se apoiar no batente, os joelhos enfraquecidos enquanto as palavras do Imperador ecoavam na lembrança. Já estivera ali, naquele planeta em construção, quando ele morrera em Endor. Observara através da mente da vítima quando Luke Skywalker arruinara-lhe a vida com um golpe de sabre-laser.

— Estou vendo que acordou — proferiu uma nova voz. Mara abriu os olhos. A recém-chegada era uma mulher de meia-idade, trajando uniforme médico, e caminhava em sua direção vinda de uma porta distante. Um dróide Emede seguia atrás dela.

— Como está se sentindo? — indagou a médica.

— Estou ótima — respondeu Mara, controlando a raiva contra a mulher. Essas pessoas, inimigas do Império, não tinham o direito de estar no palácio do Imperador.

Respirou fundo, combatendo as emoções.

A desconhecida parará à sua frente, com uma expressão ansiosa no rosto; o próprio Ghent, esquecido do teclado, parecia preocupado.

— Desculpe, creio que estou um pouco desorientada — admitiu Mara.

— E compreensível. Afinal, permaneceu naquela cama por um mês — revelou a médica.

— Um mês! — espantou-se Mara.

— Bem, a maior parte do mês — corrigiu a outra. — Passou algum tempo no tanque baeta. Portanto, não se preocupe... problemas com a memória a curto prazo são freqüentes durante reconstruções neurais, mas quase sempre terminam logo depois que tratamento termina.

— Certo... — Perdera ali um mês inteiro. E durante aquele tempo...

— Temos um quarto de hóspedes arrumado para você lá em cima, assim que tiver disposição para se locomover. Quer que eu vá ver se está pronto?

— Seria ótimo — respondeu Mara.

A médica apanhou um comunicador no bolso e digitou alguns números. Enquanto conversava, Mara aproximou-se de Ghent:

— O que aconteceu na guerra durante esse tempo? — quis saber ela.

— Não muito. O Império está criando as dificuldades de sempre — respondeu Ghent, gesticulando. — Mantiveram o pessoal bastante ocupado por aqui, pelo menos. Ackbar, Madine e os outros estão correndo o tempo todo, tentando fazer com que recuem e trocando termos militares sem parar.

E não disse mais nada. Mara sabia que não podia esperar obter muita coisa dele sobre os acontecimentos no mundo real. Além de uma fascinação pelo universo contrabandista, a única coisa que interessava a Ghent era penetrar em programas de computadores.

Franziu a testa, recordando-se porque Karrde pedira a presença dele ali em Coruscant.

— Espere um pouco. Ackbar está de volta ao comando? Isso quer dizer que você conseguiu descobrir alguma coisa para inocentá-lo?

— Claro. Aquele depósito suspeito que o conselheiro Fey'lya usou para a acusação contra ele era uma fraude... os caras que fizeram a invasão eletrônica do banco depositaram o dinheiro. Deve ter sido a Inteligência do Império... encontrei rastros deles por todo o programa. Claro, isso foi dois dias depois que cheguei.

— Imagino que devam ter gostado. Mas por que ainda está aqui?

— Bem... — Ghent hesitou um instante. — Em primeiro lugar, ninguém ainda veio me apanhar e me apresentaram um código que alguém anda usando para mandar informações para o Império. O general Bel Iblis diz que a chamam de Fonte Delta e que está divulgando segredos do palácio.

— E pediu que tentasse decifrar o código, certo? — completou Mara. — Aposto que ninguém falou em dinheiro, ou coisa parecida, falou?

— Bem... talvez tenham falado. Para dizer a verdade, não me lembro.

A médica guardou o comunicador.

— Virá uma pessoa para acompanhá-la a qualquer minuto.

— Obrigada — agradeceu Mara.

Resistiu à vontade de afirmar que mesmo dormindo, conhecia o palácio melhor do que qualquer guia que pudessem mandar.

A porta abriu-se e uma mulher alta, de cabelos brancos, entrou no aposento e sorriu:

— Como vai, Mara? Meu nome é Winter, assistente pessoal da conselheira Leia Organa Solo. Fico contente em ver que já está boa.

— Também fico — respondeu Mara, tentando manter a voz educada, pois conversava com alguém relacionada a Skywalker. — Suponho que seja a minha acompanhante?

— Sua acompanhante, assistente e qualquer outra coisa que possa precisar nos próximos dias. A princesa Leia me pediu para tomar conta de você até que ela e o capitão Solo retornem de Filve.

— Não necessito de uma assistente ou que cuidem de mim — protestou Mara. — Só preciso de uma nave.

— Já comecei a trabalhar nisso. Tenho esperança de encontrar uma em breve. Enquanto isso, não quer conhecer seu quarto?

Ela conteve um sorriso amargo. Os usurpadores da Nova República ofereciam hospitalidade onde já fora sua própria casa.

— E muita bondade sua. Vem comigo, Ghent?

— Vá na frente — respondeu ele, com ar absorto. — Quero dar mais uma olhada nesse programa.

— Ele vai ficar por aqui mesmo — garantiu Winter, sorrindo. — Vamos? — Saíram e caminharam em direção à parte traseira do palácio.

— Ghent tem uma suíte ao lado da sua, mas acho que não estive lá mais do que duas vezes durante o mês passado. Acabou acampando na antesala da recuperação, onde podia ficar de olho em você.

Mara sorriu divertida. Ghent, que passava noventa por cento das horas em vigília, alheio ao mundo exterior, não era o que se podia chamar de uma enfermeira dedicada ou um guarda-costas eficiente.

— Queria agradecer o fato de todos tomarem conta de mim.

— Era o mínimo que podíamos fazer depois de sua ajuda na batalha do *Katana*.

— Foi idéia de Karrde. Agradeça a ele, não a mim — afirmou Mara.

— Já fizemos isso. Mas você também arriscou sua vida, por nossa causa. Não esquecemos estas coisas — disse Winter.

Mara olhou de soslaio para a mulher de cabelos brancos. Havia lido os relatórios sobre os líderes da Rebelião, incluindo Leia Organa e o nome Winter não despertava nenhuma lembrança.

— Há quanto tempo está com Leia Organa Solo?

— Cresci com ela, na corte de Alderaan. Éramos amigas na infância e quando ela deu os primeiros passos na política galáctica, seu pai me designou para o cargo de assessora. Estou com Leia desde então.

— Não me lembro de ter ouvido falar de você durante a Rebelião — arriscou Mara.

— Passei a maior parte da guerra viajando de planeta em planeta, trabalhando com o setor de Suprimentos — relatou Winter.

— Então você era a pessoa que definia os alvos, chamada Apontador. A que tinha memória perfeita. — Mara ficou pasma, quando seu cérebro relacionou os dados.

— Sim. — Winter franziu a testa. — E verdade, esse foi um de meus codinomes. Tive vários ao longo dos anos.

Mara assentiu, recordando-se de outras referências em relatórios da Inteligência pré-Yavin ao misterioso rebelde chamado Apontador e da discussão que tentava descobrir a identidade do agente. Imaginou se os homens do Império haviam conseguido saber quem era.

Aproximaram-se dos turboelevadores na parte posterior do palácio, uma das inovações que o Imperador fizera na construção de

estilo antigo quando chegara. O turboelevador poupava um bocado de caminhadas, subindo e descendo as escadarias da parte pública do edifício... assim como escondia alguns outros melhoramentos realizados no palácio.

— Qual é a dificuldade em me conseguir uma nave? — perguntou Mara.

— O problema é o Império. Lançaram um ataque em massa contra nós e estamos requisitando qualquer veículo maior do que um cargueiro leve, para combater.

Mara ficou pensativa. Um ataque maciço contra forças superiores não parecia o estilo do Grande Almirante Thrawn.

— Muito ruim?

— Bastante ruim — confirmou Winter. — Não sei se soube, mas ficaram com a Frota *Katana*. Já tinham removido cerca de cento e oitenta cruzadores Dreadnaught quando chegamos. Isso combinado com uma fonte ilimitada de tripulantes e combatentes mudou bastante o equilíbrio de forças.

Mara concordou, sentindo uma leve preocupação. Colocado daquela maneira, lembrava o estilo do Grande Almirante Thrawn.

— Isso significa que quase morri por nada. Winter sorriu.

— Se servir de consolo, saiba que isso aconteceu com muitos outros.

O turboelevador chegou. Entraram e Winter apertou o botão das áreas residenciais do palácio.

— Ghent mencionou que o Império estava criando problemas — comentou Mara, quando o carro moveu-se. — Eu devia ter imaginado que qualquer coisa capaz de penetrar naquela neblina mental, tinha de ser muito sério.

— Sério? Nos últimos cinco dias perdemos o controle de pelo menos quatro setores e mais de trinta estão a ponto de se entregar. A maior perda foram as instalações produtoras de alimentos, em Ukio. De alguma forma, tomaram o planeta com as instalações de defesa intactas.

— Alguém dormiu no ponto? — quis saber ela.

— Não, de acordo com os relatórios anteriores à invasão — afirmou Winter, franzindo a testa. — Existem rumores de que os

homens do Império utilizaram uma espécie de superarma, capaz de disparar através do escudo de defesa planetária de Ukio. Ainda estamos estudando os relatórios da invasão.

Mara teve visões terríveis da Estrela da Morte e estremeceu. Uma arma como aquela nas mãos de um estrategista como o Grande Almirante Thrawn...

Procurou afastar da idéia as imagens. Afinal, aquela guerra não era dela. Karrde prometera permanecer neutro nessa história.

— Creio que é melhor tentar entrar em contato com Karrde, nesse caso. Ver se pode mandar alguém nos apanhar.

— Seria mais rápido do que esperar por uma de nossas naves — aconselhou Winter. — Ele deixou um cartão de dados com o nome de um contato para enviar a mensagem. Disse que você saberia qual código utilizar.

O turboelevador parou no andar reservado aos convidados do presidente, um dos poucos que o Imperador deixara inalterado ao mudar para o palácio. Com as antigas portas de dobradiças e mobílias exóticas de madeira, caminhar ali era como retornar mil anos no passado. O Imperador reservava os quartos para os emissários que apreciavam os velhos tempos ou que poderiam ficar impressionados pela importância dada ao passado.

— O capitão Karrde deixou algumas de suas roupas e pertences pessoais após a batalha do *Katana* — informou Winter, abrindo uma das portas entalhadas. — Se lhe faltar alguma coisa, me avise e poderei conseguir. Aqui está o cartão de dados que mencionei.

— Obrigada — disse Mara, apanhando o cartão. Respirou fundo, olhando ao redor. O quarto era de madeira fijisi, de Cardoosine; à medida que o delicado aroma se erguia ao redor dela, os pensamentos retornaram aos dias de poder e majestade passados ali...

— Está precisando de mais alguma coisa? As lembranças dissolveram-se.

— Não, muito obrigada.

— Se quiser, basta chamar o oficial desta ala — instruiu Winter, indicando o intercomunicador na escrivaninha. — Estarei disponível mais tarde. No momento, tenho de ir a um encontro do Conselho.

— Pode ir. Mais uma vez obrigada.

Winter sorriu e saiu. Mara respirou, sentindo com prazer o aroma perfumado da madeira e apagou as últimas lembranças desagradáveis. Retornou ao aqui e agora; como sempre, obedecia a uma das recomendações básicas do Imperador: sempre conhecer o ambiente e confundir-se com ele. Naquele instante, significava não parecer uma refugiada do hospital.

Karrde deixara uma boa variedade de trajes para ela: um vestido semiformal, duas túnicas sem enfeites, que poderia usar numa centena de mundos sem chamar atenção e quatro combinações macacão/túnica, dos que ela geralmente usava a bordo. Escolhendo um dos últimos, Mara trocou de roupa e depois começou a verificar os objetos que Karrde separara. Com alguma sorte e um pouco de poder de previsão por parte dele... Lá estava; o coldre de braço com um pequeno desintegrador. No entanto, a arma estava descarregada... o capitão do *Inflexível* ficara com a bateria energética e os homens do Império não iriam devolvê-la tão cedo. Procurar uma nos arsenais da Nova República seria perda de tempo, embora se sentisse tentada a solicitar, apenas para saber qual seria a reação de Winter. No entanto, havia outro jeito.

Cada quarto do palácio possuía uma biblioteca e em cada uma existia um conjunto de cartões que formavam *A História Completa de Corvis Minor*. Dadas a ínfima importância do sistema e a quase ausência de fatos significativos em sua história, a chance de alguém retirar dali a caixa de cartões que formavam a obra era bastante reduzida. Mara procurou-a e achou.

A partir daí, conseguiu montar um carregador de força com os *chips* dos cartões da *História Completa de Corvis Minor*. Era um modelo um pouco diferente do que a bateria energética que ficara com os homens do Império, porém a arma estava carregada e encaixou-se com perfeição no coldre especial de antebraço. Dali em diante, seja o que for que ocorresse nas lutas intestinas da Nova República, pelo menos teria uma chance de defender-se.

Parou, ainda com a falsa caixa de cartões na mão, e uma pergunta incômoda surgiu na cabeça. O que Winter quisera dizer com fonte inesgotável de tripulantes e combatentes? Teria um ou mais sistemas se



passado para o lado do Império? Ou Thrawn teria descoberto um mundo desconhecido, com uma população pronta para ser recrutada?

Era algo que deveria descobrir, na devida oportunidade. Em primeiro lugar, precisava codificar a mensagem e expedi-la para o contato designado. Quando antes saísse dali, melhor.

Recolocou a caixa vazia no lugar, o peso da arma no braço esquerdo reconfortando-a, e começou a planejar em detalhes o que iria fazer.

Thrawn desviou os olhos da arte alienígena, com aparência pútrida, em imagens holográficas ao seu redor.

— Não. Está fora de questão — afirmou, com veemência.

— Não? — questionou C’baoth, virando as costas para a estátua holográfica de Woostri que estivera examinando. — Como assim, não?

— Acredito que a palavra em si se auto-explique — declarou Thrawn. — A lógica militar também pode esclarecer. Não temos o efetivo suficiente para um ataque a Coruscant, e muito menos o pessoal e suprimentos necessários para um cerco tradicional. Qualquer ataque seria tanto inútil quanto desperdiçaria recursos valiosos do Império; portanto não atacaremos.

— Tenha cuidado, Grande Almirante Thrawn — avisou C’baoth. — Quem governa o Império sou eu!

— E mesmo? — indagou Thrawn, em tom provocante, acariciando o ysalamiri em suas costas.

— Eu governo o Império — gritou o Mestre Jedi, em toda a sua estatura, fazendo a voz ecoar pela sala de comando. — Você vai me obedecer ou morrerá!

Procurando não chamar atenção, Pellaeon aproximou-se do campo protetor ao redor do superior. Naquela fase, de lucidez, C’baoth parecia mais controlado e confiante do que nunca; em compensação, apresentava essas fases violentas de loucura clônica, cada vez mais fortes. Como um sistema que vibrasse com a própria realimentação, oscilando cada vez mais até atingir o ponto de ruptura.

Até então C’baoth não matara ninguém, nem destruía equipamentos, porém na opinião de Pellaeon, era apenas uma questão de tempo até que isso acontecesse.

Talvez o mesmo pensamento tivesse ocorrido a Thrawn.

— Se me matar, perde a guerra. E se perder a guerra, Leia Organa Solo e seus gêmeos nunca serão seus.

C’bauth deu um passo na direção do assento do Grande Almirante, os olhos fuzilando de raiva. De repente, pareceu voltar às suas proporções habituais.

— Você nunca falaria dessa forma com o Imperador — desabafou ele.

— Pelo contrário. Em quatro oportunidades eu disse ao Imperador que não desperdiçaria tropas e naves atacando um inimigo que ainda não estava pronto para eu derrotar — revelou Thrawn.

— Apenas tolos falavam assim com o Imperador. Tolos ou quem estava cansado de viver — respondeu C’bauth.

— O Imperador também dizia isso. Da primeira vez em que me recusei, me chamou de traidor e entregou meu comando para outro. Depois da destruição das forças, ele aprendeu a não ignorar minhas recomendações.

Por um bom tempo o Mestre Jedi examinou o rosto de Thrawn, com a própria expressão espelhando as modificações rápidas e emocionais ocorridas no turbilhão interior.

— Poderia repetir o truque que usou em Ukio — sugeriu ele, por fim. — O truque dos cruzadores camuflados e dos disparos sincronizados. Eu ajudaria.

— É muita bondade sua. Todavia, seria um desperdício de tempo e material. Em primeiro lugar, os dirigentes da Nova República não iriam render-se com tanta facilidade como os fazendeiros de Ukio. E depois, se continuássemos disparando, perceberiam que os disparos atingindo o planeta não eram os mesmos do *Quimera* e chegariam às próprias conclusões — argumentou o Grande Almirante. Depois fez um gesto que abrangia os hologramas ao redor do aposento. — Por outro lado, as pessoas e os líderes de Woostri são muito diferentes. Assim como os de Ukio têm medo do desconhecido e do que julgam impossível, eles apresentam uma tendência de aumentar os rumores de ameaças distantes, o que nos favorece. O estratagema dos cruzadores camuflados deve funcionar bem por lá.

— Grande Almirante Thrawn... — começou C'baoth, o rosto avermelhando-se.

— E quanto à Organa Solo e seus gêmeos — interrompeu Thrawn com suavidade. — Pode tê-los quando desejar.

— Como assim?

— Quero dizer que lançar um ataque concentrado a Coruscant para arrebatá-la à força, é uma ação nada prática. Por outro lado, mandar um grupo pequeno de comandos para seqüestrá-la é perfeitamente viável — explicou o Grande Almirante. — Já ordenei que a Inteligência prepare um grupo para esse propósito. Deve estar pronto em um dia ou dois.

— Um esquadrão de comandos — repetiu C'baoth, torcendo os lábios.

— Será que preciso lembrar quantas vezes seus noghri falharam nesse assunto?

— Concordo. Por isso mesmo os noghri não estão participando desse plano.

Pellaeon olhou de relance para o Grande Almirante, depois para a porta da sala de comando, onde Rukh, o guarda-costas de Thrawn vigiava. Desde que Lorde Vader recrutara os noghri para serviço perpétuo do Império, os orgulhosos caçadores de pele escura insistiam em jogar a honra da raça em cada compromisso. Retirá-los do trabalho, numa missão importante como aquela, equivalia a dar um tapa no rosto de todos. Ou pior.

— Almirante? Não sei se...

— Depois discutiremos o assunto — cortou Thrawn. — Por enquanto, tudo o que preciso saber é se Mestre C'baoth está pronto para receber seus jovens Jedi. Ou se prefere ficar discutindo o assunto.

— Devo aceitar isto como um desafio, Grande Almirante Thrawn?

— Aceite como quiser. Só quis assegurar o êxito da operação antes de dar a ordem final. Os gêmeos estão para nascer a qualquer momento, o que significa que terá duas crianças além da própria Organa Solo para controlar. Se não tem certeza de que será capaz de lidar com todos eles, seria melhor adiar a operação, para depois do parto.

Pellaeon preparou-se para nova explosão de raiva por parte do clone. Para sua surpresa, a reação foi outra:

— Minha única dúvida, Grande Almirante Thrawn, é se esses comandos imperiais vão conseguir lidar com bebês recém-nascidos — disse ele.

— Muito bem, então — assentiu Thrawn. — Nosso encontro com o resto da frota vai acontecer em trinta minutos; você será transferido para o *Mão da Morte*, a fim de supervisionar o ataque a Woostri. Quando voltar ao *Quimera*... seus Jedi estarão esperando por você.

— Está ótimo, Grande Almirante Thrawn. Mas vou fazer um aviso: se falhar desta vez, não gostará nem um pouco das conseqüências — ameaçou C'baoth, cofiando a barba comprida e saindo da sala.

— É sempre um prazer — disse Thrawn, aliviado, assim que a porta fechou.

— Almirante, com o devido respeito... — começou Pellaeon.

— Está preocupado porque prometi Leia Organa Solo, estando ela num dos lugares mais seguros de todo o território da Rebelião? — indagou o superior.

— Isso mesmo, senhor — admitiu o capitão. — O Palácio Imperial é tido como uma fortaleza inexpugnável.

— É verdade. Mas foi o Imperador quem a construiu assim... e acontece que em muitos aspectos, ele guardava alguns segredos sobre o palácio. Segredos que só compartilhava com alguns de seus favoritos.

Pellaeon franziu a testa.

— Tais como entradas e saídas secretas?

— Exatamente. E agora podemos ter certeza de que Organa Solo ficará no palácio por algum tempo, portanto, é possível um ataque de comandos ter sucesso.

— Mas não um grupo noghri.

Thrawn baixou os olhos para as esculturas holográficas que os cercavam.

— Existe algo errado com os noghri, capitão. Ainda não sei o que é, mas posso sentir o cheiro da traição a cada contato que mantenho com os chefes em Honoghr.

Pellaeon recordou-se da cena desagradável no mês anterior, quando os chefes noghri enviaram uma comissão a bordo para

desculpar-se da fuga do suspeito de traição, Khabarakh. Até então, a despeito de todos os esforços para recapturá-lo, tal fato não ocorrera.

— Talvez ainda estejam a procura de Khabarakh — sugeriu o capitão.

— E melhor que estejam, mesmo — comentou Thrawn. — Contudo, não é só isso o que me preocupa. Há mais. E enquanto não descobrir, os noghri permanecem sob suspeita.

Ele inclinou-se para a frente e digitou dois controles. As esculturas holográficas foram substituídas por uma carta espacial tática, com os planos de batalha mais importantes. — Só que no momento, tenho assuntos mais urgentes a tratar. Em primeiro lugar, precisamos dissuadir nosso arrogante Mestre Jedi da noção errada de que dirige meu Império. Organa Solo e os gêmeos serão a distração que ele precisa.

O capitão pensou nas outras ocasiões em que haviam tentado, e fracassado.

— E se os comandos falharem?

— Existem contingências. A despeito de seu poder, e até mesmo da imprevisibilidade, Mestre C'baoth ainda pode ser manipulado — assegurou o Grande Almirante. Depois apontou para a carta holográfica. — O que é ainda mais importante nesse momento é que asseguremos a continuação da guerra. Até agora, a campanha está acontecendo dentro do programado. A Rebelião resistiu mais do que prevíamos, nos setores de Farrfin e Dolomar, mas nos outros locais, nossos alvos passaram para o domínio do Império.

— Eu ainda não consideraria os planetas nossos territórios — preveniu Pellaeon.

— E verdade. Cada um deles depende de conseguirmos uma presença ostensiva do Império e para isso precisamos manter nossa produção de clones.

O capitão examinou a carta luminosa, procurando a resposta que o superior desejava ouvir. Os cilindros Spaarti de clonagem, escondidos há décadas no depósito particular do Imperador, em Wayland, estavam tão seguros quanto possível na Galáxia. Oculto embaixo de uma montanha, protegido por uma guarnição de soldados das tropas de assalto e cercado por uma população local hostil, a própria existência do esconderijo era desconhecida, com exceção de uns poucos comandantes do Império.

Pellaeon parou. Alguns poucos comandantes e talvez...

— Mara Jade! Ela está convalescendo em Coruscant. Será que sabe sobre o depósito?

— E esta a questão — concordou Thrawn. — Existe uma boa chance de que não saiba. Eu conhecia muitos dos segredos, mas precisei fazer um grande esforço para encontrar Wayland.

O capitão concordou, com um gesto de cabeça. Estivera se perguntando por que o superior escolhera um grupo da Inteligência para a missão. Ao contrário das outras armas, essas unidades de comandos eram treinadas também em métodos não militares, tais como assassinato...

— Um grupo apenas realizará a missão, Grande Almirante?

Ou enviará dois?

— Um grupo será o suficiente — respondeu Thrawn. — Os dois objetivos estão interligados para permitir isso. E neutralizar Jade não implica em matá-la.

Pellaeon franziu a testa. Porém, antes que tivesse oportunidade de perguntar, o superior tocou o controle e a carta táctica foi substituída por um mapa do setor Orus.

— Por enquanto, acho que é bom ressaltar a importância de Calius saj Leeloo para nossos inimigos. Já chegou o relatório do governador Staffa?

— Sim, senhor — disse Pellaeon, apanhando a prancheta de dados. — Skywalker saiu ao mesmo tempo em que nosso transporte forjado e presume-se que tenha partido na mesma direção. Se isso se confirmar, chegará ao sistema Poderis nas próximas trinta horas.

— Excelente. Com certeza se comunicará com Coruscant antes de chegar a Poderis. O desaparecimento dele vai convencer a todos que encontraram nosso corredor de tráfego dos clones.

— Sim, senhor — concordou o capitão, mantendo as dúvidas para si mesmo, já que o superior devia saber o que fazia. — Mais uma coisa, senhor. Recebemos um segundo relatório depois do de Staffa, com o código de segurança da Inteligência.

— Já sei. Foi de Fingal, o ajudante. Um homem com o tipo de lealdade do governador Staffa precisa de um discreto cão de guarda ao lado. Havia alguma discrepância entre os relatórios?

— Só uma, senhor. O segundo fornece uma descrição detalhada do contato de Skywalker, um homem que Staffa identificou como um dos próprios agentes. Na verdade, a descrição de Fingal sugere que seja Talon Karrde.

— Que interessante — comentou, pensativo, o Grande Almirante. — Nosso Fingal tem alguma explicação para a presença de Karrde em Calius?

— Segundo ele, existem indícios de que o governador Staffa mantém um arranjo comercial com Karrde há vários anos — informou Pellaeon. — Fingal contou que pretendia aprisioná-lo e interrogá-lo, mas não havia forma de fazer isto sem prevenir Skywalker.

— Certo... bem, o que está feito, está feito. E se era apenas contrabando, não há mal algum — disse Thrawn, por fim. — Todavia, não podemos tolerar contrabandistas se metendo em nossos negócios e bisbilhotando no que não pode ser divulgado. Karrde já provou ser capaz de causar um bocado de encrenca.

Por um instante, o Grande Almirante fitou o holograma do setor Orus. Depois, voltou-se para Pellaeon:

— Mas por enquanto temos nossos próprios assuntos a resolver. Calcule o curso para o sistema Poderis, capitão. Quero o *Quimera* lá no prazo de quarenta e oito horas. E avise ao comandante da guarnição que desejo uma recepção apropriada quando chegarmos. Talvez em dois ou três dias tenhamos um presente inesperado para o nosso Mestre Jedi.

— Sim, senhor — anuiu Pellaeon. Hesitou antes de continuar: — Senhor... o que acontece se ele for capaz de transformar Organa Solo e seus gêmeos da forma que imagina? Teríamos quatro deles para controlar, ao invés de um. Cinco, se conseguirmos capturar Skywalker, em Poderis.

— Não há motivo para preocupações. Transformar Organa Solo, ou Skywalker irá tomar muito tempo e esforço de C'baoth. Mais tempo ainda vai passar antes que as crianças tenham idade suficiente para se transformar em perigo para nós. Muito antes que isso ocorra... — Os olhos de Thrawn brilharam. — Teremos chegado a um acordo satisfatório com o Mestre Jedi sobre a divisão de poder no Império.

— Certo, senhor.

— Ótimo. Está dispensado, capitão. Pode voltar à ponte de comando.

— Sim, senhor.

Pellaeon voltou-se e caminhou pelo aposento, os músculos da face contraídos. Thrawn poderia fazer algum acordo com C'baoth... ou mandar matá-lo. Se pudesse. Não era um confronto no qual arriscaria uma aposta.

Na verdade, não gostaria nem de estar por perto quando finalmente acontecesse.